

Declaração do Prof. Carlos Augusto Vilana
na sessão inaugurada na Academia Brasileira
de Letras, no dia 26 de junho de 2003

1993

Este é um momento de alegria para todos os que aqui se encontram, pois é um momento de encontro e de descoberta, momento em que nos encontramos com o Brasil, com a cultura, com a língua, com a história, com a vida, com a morte, com a esperança, com a fé, com a luta, com a vitória, com a derrota, com a queda, com a ressurreição, com a vida eterna.

Este é um momento de encontro e de descoberta, momento em que nos encontramos com o Brasil, com a cultura, com a língua, com a história, com a vida, com a morte, com a esperança, com a fé, com a luta, com a vitória, com a derrota, com a queda, com a ressurreição, com a vida eterna.

4ª Parte

Discursos

Este é um momento de encontro e de descoberta, momento em que nos encontramos com o Brasil, com a cultura, com a língua, com a história, com a vida, com a morte, com a esperança, com a fé, com a luta, com a vitória, com a derrota, com a queda, com a ressurreição, com a vida eterna.

Este é um momento de encontro e de descoberta, momento em que nos encontramos com o Brasil, com a cultura, com a língua, com a história, com a vida, com a morte, com a esperança, com a fé, com a luta, com a vitória, com a derrota, com a queda, com a ressurreição, com a vida eterna.

Este é um momento de encontro e de descoberta, momento em que nos encontramos com o Brasil, com a cultura, com a língua, com a história, com a vida, com a morte, com a esperança, com a fé, com a luta, com a vitória, com a derrota, com a queda, com a ressurreição, com a vida eterna.

Este é um momento de encontro e de descoberta, momento em que nos encontramos com o Brasil, com a cultura, com a língua, com a história, com a vida, com a morte, com a esperança, com a fé, com a luta, com a vitória, com a derrota, com a queda, com a ressurreição, com a vida eterna.

Este é um momento de encontro e de descoberta, momento em que nos encontramos com o Brasil, com a cultura, com a língua, com a história, com a vida, com a morte, com a esperança, com a fé, com a luta, com a vitória, com a derrota, com a queda, com a ressurreição, com a vida eterna.

Este é um momento de encontro e de descoberta, momento em que nos encontramos com o Brasil, com a cultura, com a língua, com a história, com a vida, com a morte, com a esperança, com a fé, com a luta, com a vitória, com a derrota, com a queda, com a ressurreição, com a vida eterna.

Homenagem da Associação de Jornalistas e Escritores do Brasil, Secção Ceará – AJEB, ao Dr. Artur Eduardo Benevides, pelo Transcurso dos Seus Oitenta Anos

Neide Azevedo

Academia Cearense da Língua Portuguesa – cadeira nº 38

A Associação de Jornalistas e Escritores do Brasil, ao longo desses marcantes anos de atuação, tendo à frente esta fortaleza de mulher chamada Giselda Medeiros, muito estudou, muito produziu, muito celebrou.

Hoje, às vésperas do Natal de Jesus, época propícia a confraternizações e afagos, queremos agradecer e brindar, de forma especial, a um homem de enorme significância: Dr. Artur Eduardo Benevides.

O momento foi bem escolhido: nosso poeta maior completou, há poucos meses, oitenta anos de sonhos, produções, paixões, verdades, confissões, louvores e poesias.

A prazerosa missão de saudá-lo coube a mim. Receio e alegria sobrevieram ao convite das amigas Helena Macêdo e Giselda Medeiros, vencendo a alegria, por permitir-me externar o quanto de admiração nutro por nosso homenageado.

Muito já falei em público. A primeira vez, no entanto, dirigindo-me a um príncipe. Nobre por merecimento, cavalheiro por excelência, educado por berço, inteligente por essência, poeta por vontade divina.

Antevejo a difícil tarefa em produzir um breve discurso a despeito da imensa bagagem cultural de que é detentor o nosso mestre. Espero que, se não o fizer com os esperados méritos, possa cumprir, plena de gratidão, o objetivo traçado para a saudação com que fui honrada.

O que dizer de Artur Eduardo Benevides que ainda não tenha sido dito? Quebrarei a tradição de aqui elencar os inúmeros títulos recebidos por nosso aniversariante contando-vos uma história.

Corria, devagar, sem pressa alguma, o ano de 1923. Numa cidadezinha do Ceará, situada ao pé de uma pacata serra onde o sol acorda em poesia e dorme em mistério, um curioso menino ali aporta aos vinte e cinco dias do mês de julho. Chamou-se Artur.

Ávido a descobrir quais seriam os seus caminhos, indagou a Jesus: Senhor, o que me reservaste? O Mestre de todas as cousas olhou-o grave e terno, sentenciando: "Vai ao livro dos provérbios. Lá, no capítulo 4, versículos 7 e 8, encontrarás o meu conselho. Lê-lo. Daqui a alguns anos, conforme seguires os teus caminhos, dar-te-ei meu veredicto". O menino vai à leitura indicada sorvendo-lhe o ensinamento: "A sabedoria é a coisa principal. Adquire, pois, a sabedoria. Emprega tudo o que possuis na aquisição de conhecimento. Exalta-a, e ela te exaltará; e, abraçando-a tu, ela te honrará".

Artur guarda o conselho do Mestre como se guardam os grandes tesouros: com zelo e responsabilidade. Segue seu caminho absorvendo todo o mel do bom saber que os livros oferecem, aliando-se à palavra, tirando-lhe o substrato, tal qual Cecília Meireles: "Ai, palavras, ai, palavras, que estranha potência, a vossa! Todo o sentido da vida principia à vossa porta".

Campeando as intermináveis sendas da leitura, segue Artur lendo e escrevendo, lendo e escrevendo.

No inarredável compromisso com a beleza e a verdade, nosso príncipe, a exemplo do genial William Blake, poeta e pintor nascido em 1757, exalta tais qualidades. Ouçamos Blake: "O erro é algo criado. A verdade é eterna. Quando o sol nasce, vejo uma inumerável hoste celestial cantando: santo, santo, santo é o Senhor Deus Todo Poderoso".

Ou ainda na exuberância que se segue saudando a beleza: "Vê o mundo num grão de areia e o paraíso numa flor silvestre. Toma a infinitude na palma de tua mão e a eternidade em uma hora".

Artur semeia versos, verdades e belezas. Transbordam-lhe os celeiros. Fecundo, abre as mãos plenas de poesias, extasiando-

nos com o dom de sua marcante existência, a qual, fê-lo um dos mais significativos referenciais de nossa história literária.

Há onze anos, frente à mais antiga Academia do país, a esta chegou-se resoluto, despertando-a aos grandes acontecimentos. "Acorda, bela senhora. Completas noventa e oito anos e temos muito trabalho à frente". Ergueu-se a Academia, elegante e glamorosa, abrindo portas e janelas, a todos acolhendo, guiada pelas sábias mãos de seu presidente.

Há reciprocidade no brilho do Palácio, que se chama luz, ao brilho do comandante. Um não ofusca o outro, ambos têm luz própria.

As memoráveis festas, posses de acadêmicos, encontros literários em profusão fazem o profundo marco de onze anos de ininterrupto trabalho.

E Artur, afoito, terno, encantado, triste, saudoso, ávido, apaixonado, inconstante, perplexo, continua a produzir. Anseia pelo veredicto que Deus lho prometera. O poeta tem pressa.

Impaciente, *O Viajante da Solidão* toma *O Navio da Noite*. Os *Hóspedes* não o importunam. Detém-se a observar *O Tempo, o Caçador e as Cousas Longamente Procuradas*. Singra os mares. O poeta quer poesia. Como retê-la? Desenhando, quem sabe, *A Arquitetura na Névoa*? Transformando-se *Menino e Arco-íris*? Ou numa doce magia fazendo dançar *A Valsa e a Fonte*?

Sonha o poeta: não há *Caminho sem Horizonte*. *A Lâmpada e os Apóstolos* certamente guiarão seus passos rumo ao *Oráculo de Delfos ou as Vinhas Amargas do Silêncio*. E, ai, no profundo recolhimento da espera, sentado à sombra das *Escadarias da Aurora*, é surpreendido pela voz suave de Jesus, com o prometido veredicto: "A sabedoria já edificou a sua casa. Já lavrou as suas sete colunas" (Prov. 9.1). "Continua tua messe. Os sazonados e abundantes frutos da tua poesia, são da melhor colheita. Sorve-os. Reparte-os."

Artur, pleno de gratidão, solicita: "Senhor, Tua lição sobre a sabedoria ensinou-me a amar sem ter medida. Permitai que diga do meu amor em época tão propícia".

É noite, já, em mim. Mas, amanheces.
Teus jovens pés levitam sob a brisa.
Vens formosa no amor que se improvisa
Como os trigais dançando em suas messes.

É bom que em mim demores. Não te apresses.
O fim de minha estrada se divisa.
Quero ter-te, de forma bem precisa,
Como os plurais, que morrem sem os esses.

Chegaste com tal graça e tal leveza!
Nem deu tempo de que eu pusesse a mesa
Com nêspersas, com tâmaras e amoras.

Serei, contudo, o teu amante fiel.
E te recebo em ânsias. És Raquel
Que tomei de Labão ao pé de auroras.

(Do soneto *Sexta, À Noite*)

Senhoras e senhores, é esta a singular e verdadeira história que vos conto. O protagonista aí está, a merecer nosso caloroso aplauso.

Muito obrigada.